



1910-2010

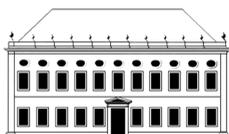
**COMUNICAÇÃO
E EDUCAÇÃO
EPUBLICANAS**

R

Ana Teresa Peixinho
Clara Almeida Santos

COORDENAÇÃO

(Página deixada propositadamente em branco)



D O C U M E N T O S

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra

URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc

Email: imprensauc@ci.uc.pt

Vendas online: <http://www.livrariadaimprensa.com>

CONCEPÇÃO GRÁFICA

António Barros

INFOGRAFIA

Carlos Costa

REVISÃO

Maria da Graça Pericão

ISBN

978-989-26-0106-9

Ernesto Castro Leal
Universidade de Lisboa

GAZETAS ACADÉMICAS E ESTUDANTIS NA I REPÚBLICA PORTUGUESA:
VULGARMENTE EFÉMERAS MAS RECORRENTES

Introdução

O inventário e a história crítica das gazetas académicas e estudantis universitárias durante a I República Portuguesa está por fazer, mas o “modelo” para o prévio processo analítico, sujeito às adaptações inerentes à evolução do inquérito historiográfico, tem já dois projectos de referência essenciais: a obra coordenada por Manuel Alberto Carvalho Prata, *Imprensa Estudantil de Coimbra* (vol I: Repertório analítico, século XIX)¹⁷⁴ e os cadernos coordenados por Ernesto Castro Leal, *Memória da Imprensa Estudantil Universitária* (3 vols.), incorporando, neste último caso, alguns verbetes com análises parcelares de jornais e revistas saídos nos séculos XIX e XX, onde se encontram vários editados entre 1910 e 1926¹⁷⁵. Há um importante registo de títulos da imprensa do distrito de Coimbra¹⁷⁶, onde estão jornais e revistas da Academia, mas tal não acontece dessa mesma forma para Lisboa e para o Porto, apesar de existirem várias indicações bibliográficas.

¹⁷⁴ Manuel Alberto Carvalho Prata (coordenação), *Imprensa Estudantil de Coimbra*, vol. I: *Repertório Analítico (século XIX)*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2006.

¹⁷⁵ Ernesto Castro Leal (coordenação), *Memória da Imprensa Estudantil Universitária*, 3 vols., Lisboa, “Os Fazedores de Letras”/Centro de História da Universidade de Lisboa, 2007-2009. Nos volumes desta *Memória*, foram feitos pequenos verbetes sobre alguns jornais ou revistas desse período: de Lisboa – *Avante*, *O Rebelde*, *Revista da Federação Académica de Lisboa*, *A Liberdade*, *Técnica e Cultura*; do Porto – *Porto Académico*, *Universidade e Acção Republicana*; de Coimbra – *Alma Académica e Humanidade*.

¹⁷⁶ *Jornais e Revistas do Distrito de Coimbra*. Edição actualizada e ampliada por A. Carneiro da Silva. Prefácio de Fernando Pinto Loureiro, Coimbra, Edição da Biblioteca Municipal, 1947.

É bem possível que tenham sido feitos levantamentos e análises parciais sobre gazetas académicas e estudantis universitárias do período da I República Portuguesa, para além dos já conhecidos, o que exige a sua revelação pública mais alargada dentro da comunidade historiográfica. Pretende-se, assim, com este texto, dar mais um contributo para a construção deste território historiográfico, tão rico mas tão pouco abordado, a nível das gazetas académicas e estudantis universitárias de Coimbra, de Lisboa e do Porto, publicadas ao longo da I República Portuguesa, sendo a maior dificuldade a que decorre do seu mau estado de conservação nas bibliotecas, da existência de colecções incompletas ou da sua inexistência. Apesar do trabalho de digitalização por parte de algumas Bibliotecas, o acervo é ainda muito reduzido.

1. Gazetas efémeras mas recorrentes

Durante o tempo histórico sujeito a análise, para além da Universidade de Coimbra, releve-se a política inovadora republicana da criação/refundação da Universidade de Lisboa e da criação da Universidade do Porto, em 22 de Março de 1911, seguida da aprovação das novas bases da Constituição Universitária, no dia 19 de Abril seguinte, o que ampliou significativamente a rede do ensino superior português, a qual já tinha nessas duas cidades importantes Escolas, Academias e Institutos Superiores. As características da vida académica universitária, que conduzem a uma permanência escolar média de quatro a cinco anos, obviamente que são um dos factores de condicionamento da durabilidade de projectos académicos e estudantis próprios, informativos (imprensa, protesto) ou organizativos (associações, federações), devendo-se juntar a diversidade e a especificidade das várias comunidades académicas do País e a sua relação com as cidades onde se encontram.

Restaria como elemento de continuidade da memória universitária dos estudantes os órgãos de imprensa, quer das várias Associações Académicas de Faculdades, Escolas e Institutos – destaque-se o boletim *Agros*, órgão da Associação dos Estudantes do Instituto Superior de Agronomia de Lisboa (1917-1926; continuação) e a revista *Técnica*, órgão da Associação de Estudantes do Instituto Superior de Técnico de Lisboa (1925-1926; continuação) –, quer das Universidades (Associação Académica de Coimbra, fundada em Novembro de 1887, Federação Académica de Lisboa, resurgiu em Março de 1913, depois de estar desactivada desde finais do século XIX, e

Associação Académica do Porto, criada em Abril de 1911), mas esses órgãos de imprensa não tiveram continuidade sustentada – excepção, neste caso, do federalismo académico, concedida ao jornal *Porto Académico*, órgão da Associação Académica do Porto (1922-1927).

Por outro lado, importa referir o lugar impresso, que poderia possibilitar a comunicação da memória universitária, ligado aos órgãos de centros políticos académicos republicanos, monárquicos ou católicos. Alguns deles vieram a ter durabilidade assinalável, devendo-se citar os que se publicaram em Coimbra – o jornal *A Revolta*, com duas fases (1908-1916; 1922-1924), ligado ao Centro Republicano Académico; a fileira constituída pela revista *Estudos Sociais* (1905-1911), pelo jornal *Imparcial* (1912-1919) e pela revista *Estudos* (1922-1934), do Centro Académico de Democracia Cristã, estes já estudados profundamente¹⁷⁷.

Entre as justificações para a pouca duração das gazetas académicas e estudantis, encontramos o grau de motivação dos dinamizadores e dos colaboradores, as dificuldades económicas para os editar, as controvérsias ideológico-políticas internas ou a pouca recepção pública obtida pelas publicações. Vale a pena lembrar a argumentação exemplar e irónica de António José de Almeida, escrita em Luanda, no mês de Julho de 1896 e publicada em Coimbra, no mês de Abril de 1897, na revista *A Praça Pública* (director: Artur Leitão): “Gazeta académica anunciada, era gazeta a pedir logo um padre-nosso pelas intenções da sua alma. Saía o primeiro número, saía o segundo, e, ao terceiro, os redactores, que tinham hipotecado os ossos ao chelindró, iam pôr o relógio no prego para pagar os débitos do empreendimento. Vocês, porém, desta vez arranjaram as coisas de forma que o *Portugal* continua a falar rijo, como se tivesse ao seu alcance uma peça de artilharia e ao seu dispor o cofre dum banqueiro”¹⁷⁸. Ora, o periódico *Portugal*, de Coimbra, que tinha como redactores Artur Leitão, Alexandre Braga, Guedes Teixeira, Joaquim Madureira e Pais Gomes, saíra apenas entre Abril e Julho de 1896, totalizando só dez números. De facto, tinha ultrapassado os míticos três números.

¹⁷⁷ Jorge Seabra, António Rafael Amaro e João Paulo Avelãs Nunes, *O C.A.D.C. de Coimbra, a Democracia Cristã e os Inícios do Estado Novo (1905-1934). Uma abordagem introdutória a partir dos ESTUDOS SOCIAES (1905-1911), IMPARCIAL (1912-1919) e ESTUDOS (1922-1934)*, 2.ª ed. revista, Lisboa, Edições Colibri/Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2000.

¹⁷⁸ António José de Almeida, “Da África”, *A Praça Pública*, fascículo 1.º [n.º único], Coimbra, Tipografia Operária, 1897, p. 8.

Outra opinião a ter em conta para a análise crítica da história desta imprensa foi subscrita pela redacção – composta por Álvaro Júlio da Costa Pimpão, Américo Veloso, Fernando Correia Santos, João Tavares Mourato e Luís Guedes de Oliveira – da *Via Latina*, “revista de estudantes de Coimbra”, que ressurgiu em Maio de 1924 (2.^a série); foi fundada em 28 de Novembro de 1889 (1.^a série) e teria depois várias séries efémeras. Apesar da “vontade forte” declarada pelos seus promotores de 1924, não passaria do número único (reaparecendo só em Maio de 1938, também com um número único): “A ideia desta revista nasceu da aspiração dum grupo restrito de rapazes. Esse grupo arrostou com dificuldades de ordem material, inevitáveis numa empresa desta natureza. Arrostou ainda com a indiferença de muitos e com a triste realidade dos exemplos que precederam a *Via Latina*”¹⁷⁹.

A regra geral enunciada por António José de Almeida, já diplomado em Medicina, sobre a quase “inevitabilidade” de saírem apenas três números dos jornais académicos e estudantis universitários, deve ser tomada na sua ideia geral e não tanto na sua materialidade durante a I República Portuguesa. Existiram, obviamente, excepções, quer quanto aos frequentes números únicos, quer quanto à ultrapassagem desses quase inevitáveis três números.

2. Gazetas académicas e estudantis de Coimbra, Lisboa e Porto: um inquérito

Os órgãos de imprensa das estruturas federativas académicas de Coimbra, Lisboa e Porto, com a excepção da do Porto, foram de duração mínima. A situação mais paradoxal aconteceu em Coimbra, dada a antiguidade e as características societárias da comunidade académica que vivia em grande parte em Repúblicas. O jornal e depois revista *Via Latina* funcionava, na prática, nas três primeiras séries como órgão informal da Associação Académica de Coimbra, mas ostentava, em subtítulo, as designações de “semanário de estudantes” (1.^a série, 1889-1890, doze números) e de “revista de estudantes” (2.^a série, 1924, número único), reaparecendo só a 3.^a série em 1938 (número único, lançado por altura da Queima das Fitas); na 4.^a série, em 1941 (número único), surgiu pela primeira vez a nomeação formal de “órgão da Associação Académica de Coimbra”. Em Lisboa, apenas saíram dois números da *Revista da*

¹⁷⁹ *Via Latina*, “revista de estudantes de Coimbra”, Coimbra, n.º 1, Maio, MCMXXIV, p. 1.

Federação Académica de Lisboa (1915). No Porto, foi a já referida excepção temporal de cinquenta e um números do jornal *Porto Académico* (1.^a série, 1922-1923; 2.^a série, 1923-1927). Habitualmente participam com textos estudantes e professores e os artigos são de natureza cívica, política e literária, noticiando-se actividades associativas ou ligadas à vida de instituições do ensino superior, por vezes com alusões aos liceus, incluindo textos de opinião sobre a vida pública local, regional ou nacional.

2.1. Os anos 10

Logo a seguir à revolução de 5 de Outubro de 1910, depois de uma reunião de vários estudantes realizada nas instalações do diário *O Século*, saiu em Lisboa o jornal *A'vante*, “semanário dos estudantes portugueses”, que, a partir do segundo número, corrigiu o subtítulo para “semanário de estudantes” (n.º 1, 25/11/1910 – n.º 6, 7/01/1911), sob a direcção de Luís Pacheco. Alguns dos participantes nessa reunião, após lerem os dois primeiros números, consideraram-no demasiado moderado e “apático” e avançaram na criação do jornal *O Rebelde*, “quinzenário de estudantes” (n.º 1, 6/12/1910 – n.º 3, 6/01/1911), dirigido por Cândido Marrecas. A ideia geral dos dois jornais de orientação republicana era a mesma e reuniu fundamentalmente estudantes da Escola Politécnica de Lisboa: despertar os estudantes para a criação de uma academia forte¹⁸⁰ e reivindicar junto dos professores a inovação nos conteúdos curriculares e nas metodologias de ensino então praticados¹⁸¹, elogiando a experiência da Escola-Oficina n.º 1, situada no Largo da Graça.

O *A'vante* lançou no quarto número (16/12/1910) a ideia de se promover um Congresso Académico para a fundação da Federação Geral dos Estudantes Portugueses e no quinto número (25/12/1910) noticiaram a eleição da Comissão Organizadora

¹⁸⁰ Escreve, por exemplo, o estudante Francisco Cunha Leal, da Escola Politécnica de Lisboa: “[...] temos estudantes, mas não temos uma academia. O nosso fim primacial é precisamente criar essa academia, discipliná-la, orientá-la até conseguir que ela venha a ser considerada como uma verdadeira força viva da nação” – cf. Cunha Leal, “A nossa atitude”, *A'vante*, Lisboa, n.º 1, 25/11/1910, p. 1.

¹⁸¹ A inovação pedagógica, a colaboração entre professores e estudantes, a crítica à recitação pública dos conteúdos que se encontravam nos livros adoptados ou a defesa da experimentação e de um ensino mais moderno aparece, por exemplo, nestes dois jornais, nos artigos “Professores e estudantes”, escrito pelo redactor do diário *A Lucta*, José de Magalhães (*A'vante*, Lisboa, n.º 3, 9/12/1910, p. 1) ou “Educação” (não assinado) e “Ensino científico”, escrito por Vinício, um pseudónimo (*O Rebelde*, Lisboa, n.º 3, 6/01/1911, pp. 1 e 2, respectivamente).

da Federação Académica de Lisboa¹⁸², durante a última sessão da Grande Comissão Académica promotora do Centenário de Alexandre Herculano, tendo sido decidido dirigir uma circular às Associações de Estudantes para indicarem delegados e fundarem Associações nas Escolas onde não existissem. Só em 1913 é que se criaria a Federação Académica de Lisboa. O *A'vante* publicou poesias de João Mendo, Carlos Selvagem e João Duarte e *O Rebelde* de António Nobre, Guerra Junqueiro e Mário de Aguiar, divulgando a primeira parte de uma tradução livre do texto “Naufrágio”, de Alphonse Daudet, feita por Oreste, um pseudónimo. Os pseudónimos eram frequentes na assinatura de textos por parte dos estudantes.

No Porto, nasceu também nesse tempo o republicano *A Alma*, “semanário” (até n.º 8) e “semanário académico” nos três últimos números (n.º 1, 28/11/1910 – n.º 11, 27/11/1911), dirigido por Pedro de Alcântara, que também era o proprietário. A cumplicidade com o *A'vante*, declarava-se logo no primeiro número: “À hora do nosso jornal entrar nas máquinas, traz-nos um amigo o primeiro número deste nosso colega de Lisboa. Gémeos no aparecimento ao público e gémeos também na Ideia que nos anima, não podemos deixar de o saudar como um irmão, a cujo lado casualmente nos achamos neste combate pela Verdade e pela Justiça”¹⁸³. Noticiam mais discretamente a recepção de *O Rebelde* no quinto número (26/12/1910).

Envolvidos activamente na fundação da Associação dos Estudantes do Porto, que veio a ser inaugurada em 5 de Abril de 1911 (o director do jornal presidiria à Junta Directora, com Cláudio Basto e Miguel Forjaz de Lacerda), lançaram um apelo no oitavo número (6/02/1911) para uma campanha de fundos juntos dos estudantes e publicaram listas de donativos vindos da Escola Médico-Cirúrgica, Academia Politécnica, Academia de Belas-Artes, Escola Normal, Instituto Industrial e Comercial e Liceus. Leonardo Coimbra colaborou com um texto, onde apelava à colaboração entre estudantes e operários: “Todo o estudante, não imbecilizado, não reduzido ao psitacismo absoluto, é um amigo dos que trabalham e sofrem [...]. Formar associações de estudantes e operários, onde se permutem sentimentos e ideias [...]. Procurem-se

¹⁸² A Comissão Organizadora da Federação Académica de Lisboa era composta por Sá e Oliveira (presidente), Artur de Figueiróa Rego (relator do projecto de estatutos), Acúrcio Pereira, Álvaro Pais, Carlos Soares Branco, Luís Passos, Tolentino Ganho, Vítor Mendes e Gomes Pereira (vogais).

¹⁸³ “A'vante”, *A Alma*, Porto, n.º 1, 28/11/1910, p. 4.

e abracem-se [...]”¹⁸⁴. Os textos literários mais relevantes divulgados foram “O Lume”, de Eça de Queirós, “O Turco”, de Alphonse Daudet e “A Arca”, de Gabriel d’Annunzio.

Em Coimbra, publicou-se no mês seguinte ao da revolução republicana a revista *A Cabra*, “edição oficial” (número único, Novembro de 1910), totalmente humorístico, que tinha em Zé Sem Nariz o seu director, proprietário e editor. Logo de seguida, saíria o mesmo título (sem o subtítulo), também em número único mas com duas edições, tendo agora Ascâneo Pessoa como director, proprietário e editor. Refira-se que, nos finais do século XIX, tinha sido publicado em Lisboa um título com o nome de *A Cabra*, “revista académica” (n.º 1, 1/04/1894 – n.º 10, 3/10/1894), dirigida por Alfredo Serrano. Em 1913, começou a edição da *Alma Académica* (n.º 1, 15/11/1913), dirigida por Fernandes Martins, onde colaboraram Feliz de Carvalho, Alberto Maria dos Santos, Lúcio Vidal, Capela e Silva ou Joaquim Mendes Guerra¹⁸⁵. Dentro de um ideário republicano-socialista radical, denunciavam a futilidade e a ignorância dos “estudantes burgueses” e o indiferentismo geral da Academia de Coimbra e apelavam à responsabilidade e ao activismo da nova geração, repudiando a tradição da capa e batina e da praxe. Lúcio Vidal criticou fortemente o *Imparcial*, do Centro Académico de Democracia Cristã, visto fazerem parte “desse grémio os esquirolentos snobes que pretendem afogar-se em títulos nobiliárquicos e usam brasões feitos de ossaturas córneas do avô. Uma fidalguia avariada que entronca nos *Condotiêres* da Índia e nos Familiares do Santo Ofício”. Pretendiam o regresso ao tempo da contestação e da revolta que se seguiu à revolução republicana (não há uma alusão à Falange Demagógica), como escreveu o director do jornal, Fernandes Martins, no artigo “A Academia da minha geração”. Também saíram outros significativos jornais académicos na cidade do Mondego: *Gente Nova* (1912, 7 números), *Academia Portuguesa* (1914, 14 números) ou *Gente Nova* (1919, 4 números)¹⁸⁶.

Regressando a Lisboa, apareceu a *Revista da Federação Académica de Lisboa* (n.º 1, Março, 1915 – n.º 2, Abril, 1915), dirigida por Raul Navas, com colaborações

¹⁸⁴ Leonardo Coimbra, “Estudantes e operários”, *A Alma*, Porto, n.º 2, 5/12/1910, p. 1.

¹⁸⁵ Na Biblioteca Nacional de Portugal só existe o primeiro número.

¹⁸⁶ Na Biblioteca Nacional de Portugal, do periódico *Gente Nova* (1912) só há um número especial e os periódicos *Academia Portuguesa* (1914) e *Gente Nova* (1919) encontram-se em péssimo estado de conservação, o que impossibilitou a consulta, não tendo sido viável a nossa deslocação a Coimbra para averiguar da possibilidade da sua leitura. O número especial de *Gente Nova*, “jornal da academia de Coimbra” (17/11/1912), dirigido por Félix Horta (também proprietário e editor), é totalmente literário, onde colaboraram Artur Ribeiro Lopes, Alberto Feliz de Carvalho, João de Lebre e Lima, Nuno Simões, Augusto Casimiro e Garcia Pulido.

estudantis de Moses Bensabat Amzalak e Francisco de Almeida Carmo e Cunha (Instituto Superior do Comércio), A. Morais Sarmiento (Escola de Medicina Veterinária), Joaquim José de Barros (Faculdade de Ciências), José dos Santos e Silva (Escola Colonial) e Maurício Monteiro (Faculdade de Direito). A capa foi da autoria de Cristiano Cruz e obtiveram a colaboração de professores, como, por exemplo, João de Almeida Lima (Faculdade de Ciências e Reitor da Universidade de Lisboa), Anselmo Braamcamp Freire (Escola Colonial), Francisco da Silva Teles (Faculdade de Letras), Pedro José da Cunha (Faculdade de Ciências), António Lino Neto e José Eugénio Dias Ferreira (Instituto Superior de Comércio) e Cincinato da Costa (Instituto Superior de Agronomia). No primeiro número foram publicados importantes textos políticos sobre a justificação e a necessidade de se manter a Federação Académica de Lisboa, já o segundo número recolheu textos de natureza literária e ensaística sobre temas de arte, literatura e filologia.

Começando nos finais dos anos 10 e continuando sem interrupção durante os anos 20, o mais prolongado e prestigiado órgão de uma associação de estudantes lisboeta foi *Agros*, “boletim da Associação dos Estudantes de Agronomia e periódico de propaganda agrícola” (n.º 1, Janeiro, 1917), cujo primeiro director foi Artur Castilho, presidente da Direcção dessa Associação de Estudantes para o ano de 1916-1917, organismo fundado em Novembro de 1911. O boletim divulgou, quer as actividades associativas estudantis, quer as actividades do Instituto Superior de Agronomia, mas também publicou importantes textos sobre várias temáticas científicas referentes à agronomia, à veterinária e ao regionalismo, encontrando-se textos de António Sérgio no ano de 1917, um deles era um extracto de uma conferência pública sobre “Os métodos do regionalismo”, solicitada pela Federação Académica de Lisboa.

2.2. Os anos 20

Nesta época, manteve-se nas três Academias a curtíssima periodicidade das gazetas académicas e estudantis, com as excepções já referidas: no Porto, *Porto Académico* (1922-1926, continuou); em Coimbra, *Estudos* (1922-1926, continuou) e *A Revolta* (1922-1924); em Lisboa, *Agros* (1917-1926, continuou) e *Técnica* (1925-1926, continuou).

A Academia do Porto afirmou, de facto, o mais prolongado projecto de imprensa periódica, *Porto Académico*, “quinzenário de estudantes da Universidade do Porto” (1.ª série, n.º 1, 6/11/1922 – n.º 17, 16/07/1923), sob a direcção de A. G. dos Santos Nobre (Faculdade de Ciências), continuou, primeiro, como “órgão da Associação de Estudantes do Porto”, depois, como “órgão da Associação Académica do Porto” (2.ª série, n.º 1, 14/11/1923 – n.º 33, 26/05/1926, reaparecendo com o n.º 34, 15/03/1927), tendo nesta 2.ª série as direcções de João de Espregueira Mendes, Agostinho Calheiros Lobo, Augusto Saraiva e Agostinho da Silva, estes dois últimos alunos da Faculdade de Letras. Saíram no total cinquenta e um números, pelo menos são os que existem na Biblioteca Nacional de Portugal, e colaboraram com o Grupo da “Renascença Portuguesa” na promoção de conferências públicas onde falaram Teixeira de Pascoaes, Jaime Cortesão, Afonso Duarte, Augusto Casimiro ou Leonardo Coimbra.

Em contraponto a essa notável longevidade, assinalem-se dois efémeros periódicos portuenses. Por um lado, *Universidade*, “quinzenário académico” (n.º 1, 11/04/1924 – n.º 3, 31/05/1924), dirigido por Tito Lívio dos Santos Mota, Ramiro Xavier da Fonte Fernandes Salgado e António Sarmento e Castro. Defendiam a abolição da praxe aos caloiros e conseguiram angariar uma significativa carteira de anúncios publicitários, mas não passariam do terceiro número, devido à dinâmica plural do jornal *Porto Académico*. Por outro lado, mas com impacto político relevante, *Acção Republicana*, “quinzenário de estudantes”, (n.º1, 1/04/1926 – n.º 2, 15/04/1926), dirigido por um corpo directivo, onde estavam Álvaro Ribeiro (também editor), Adolfo Casais Monteiro, Horácio Cunha, Luís Guedes de Oliveira, Marques dos Santos e Viriato Gonçalves, que foram os principais redactores e eram membros do Grupo “Acção Republicana”. Assumiam-se como “órgão do nacionalismo democrático” e elogiavam especialmente a revista *Seara Nova* e o pensador Leonardo Coimbra, tendo dado colaboração Luís Valter Vasconcelos, Jaime Cardoso, José Sant’Anna (Dionysio), Moreira de Faria e Ribeiro da Cunha.

O programa da revista e do grupo *Acção Republicana* veio estampado na capa dos dois únicos números totalmente escrito em letras maiúsculas e que reproduzimos em letras minúsculas: «Defende e quer: as doutrinas democráticas claramente sintetizadas na declaração dos direitos do homem e do cidadão; uma república nacionalista de tendências progressivamente descentralizadoras, orientando a nação para melhores destinos e procurando resolver as questões sociais no sentido duma justiça cada vez mais ampla; o parlamento como representante da vontade e da inteligência

da nação; a formação incessante de *élites* pela universidade que, não estando divorciada da nação, acompanha a cultura universal”. Esses dois números publicaram essencialmente textos de carácter doutrinário, muito críticos do monarquismo, em particular do Integralismo Lusitano, e das ditaduras como soluções para as crises políticas.

Na Academia de Coimbra destacou-se, para além da já referida revista *Estudos*, ligada ao Centro Académico de Democracia Cristã, o jornal *A Revolta*, ligado ao Centro Republicano Académico, tendo-se publicado nesta cidade dois periódicos estudantis relevantes de estrita natureza artística e literária – *Bysancio*, “revista coimbrã, artes e letras” (n.º 1, Março, 1923 – n.º 6, Janeiro, 1924), propriedade do 3.º ano jurídico, estando no grupo directivo Alberto Martins de Carvalho, Alberto Simões Pereira, Alexandre Aragão, Fausto dos Santos, João de Almeida, João Lumbrales e Luís Veiga; e o já referido número único de *Via Latina*, “revista de estudantes” (1924).

Quanto ao jornal *O Conflito*, “órgão da Academia de Coimbra” (n.º 1, 6/05/1921 – n.º 6, 23/06/1921)¹⁸⁷, teve uma comissão directora constituída por Gualberto Melo, Pinto de Mesquita e Severo de Figueiredo, o editor era Antero Vale e a redacção e administração localizava-se nas instalações da Associação Académica de Coimbra. Foi uma consequência editorial do protesto que decorreu entre Abril e Outubro de 1921 dos alunos do 5.º ano de Medicina contra Ângelo da Fonseca, professor da disciplina de Clínica Cirúrgica, por ele, durante a aula do dia 1 de Março de 1921, ter comentado que ouvira “com desgosto e mágoa” o discurso que o aluno Eduardo Coelho, em representação do curso, tinha feito no cemitério aquando da homenagem ao recém falecido Daniel de Matos, professor de Medicina e antigo reitor da Universidade de Coimbra, o que originaria um grave conflito¹⁸⁸. Após greves às

¹⁸⁷ Na Biblioteca Nacional de Portugal, não se encontram os números 7 e 8 do jornal *O Conflito*.

¹⁸⁸ Quais foram as palavras que incomodaram Ângelo da Fonseca? Provavelmente, as seguintes: “É que rareiam cada vez mais os homens da envergadura moral e intelectual de Daniel de Matos. Desaparecem grandes homens e ficam pequenos homens! [...] os cursos estiolam em apagada e vil tristeza, faz tremer de pavor, pelo futuro da raça, o desaparecimento de mentalidades como a de Daniel de Matos que foi extraordinária em todas as fases da sua vida e em todas as modalidades da sua personalidade [...]. [...] pertenceu a um curso excepcional – o maior que tem passado pela Velha Faculdade de Medicina e que tinha cabeças portentosas como a do Sena, do Augusto Rocha, do Lopes Vieira, do Matoso dos Santos, do Urbino de Freitas, do Teixeira de Queiroz [...]. Devia fazer-lhe pena recordar o seu curso e compará-lo com os actuais, olhar para o dobrar dos tempos em que se bateu a sua alta mentalidade e aferi-lo por esta estagnada planície. Que tristeza a geração de hoje! ‘De maus e de doidos, mais maus que doidos’, como ele tanta vez dizia [...]” – cf. “Ainda a morte do sr. Dr. Daniel de Matos”, *Gazeta de Coimbra*, Coimbra, ano X, n.º 1124, 3/03/1921, p. 1.

aulas, a 10 de Março de 1921, os quintanistas de Medicina de Coimbra lançaram um Manifesto ao País, onde esclareciam a situação criada e apelavam à greve académica nacional. Obtiveram a solidariedade grevista académica de Lisboa e do Porto no dia 20 de Abril, entrando as três Academias em greve. A Queima das Fitas de Maio desse ano não se realizou e a greve será interrompida durante as férias grandes, regressando em Outubro de 1921 com confrontos entre estudantes e polícias, donde resultou a prisão de vários estudantes e o ferimento de Aníbal Veloso e de Eduardo Pires Camelo, que veio a falecer um mês depois, altura em que a greve terminou com um acordo.

O jornal *A Revolta*, “quinzenário académico republicano” (n.º 1, 29/10/1922 – n.º 18, 5/10/1924), começou por ter Raul Pinto Madeira (Faculdade de Medicina) como director (até ao n.º 10, 17/04/1923), seguindo-se como redactores principais (com funções de director) Carlos Clímaco Baptista, também da Faculdade de Medicina (n.º 11, 5/06/1923) e José Rodrigues da Costa (n.º 12, 29/12/1923 até ao último), presidente da Mesa do Centro Republicano Académico. Ao longo do tempo de edição do jornal houve várias mudanças de cabeçalho, mas a inovação deste projecto jornalístico académico está justificada, logo no primeiro número, com o texto “*A Revolta*”: “O *Diário de Lisboa* criou uma nova linha estética na imprensa. Nova e interessante; e tanto que é sempre agradável à nossa vista e ao nosso espírito folhear as suas páginas. *A Revolta* adoptando a mesma compleição gráfica, não o faz por simples imitação: segue-a antes como manifestação de apreço às brilhantes qualidades daquele colega que tem na imprensa portuguesa um lugar distinto, e não menos por assim se encontrar melhor integrada na sua função renovadora”¹⁸⁹.

Teve características de jornal informativo de Coimbra, não só académico, publicando também notícias da vida política nacional, textos políticos, textos literários (secção de literatura) e anúncios publicitários (uma ou duas páginas). O número de 31 de Janeiro de 1923, dia de aniversário da revolta republicana do Porto de 1891, foi totalmente dedicado “À Memória de José Falcão”, recolhendo texto de, entre outros, António José de Almeida, Presidente da República (o primeiro texto, na primeira página), Sebastião de Magalhães Lima, Afonso Bourbon e Menezes, António Luís Gomes, Joaquim de Carvalho e Augusto Casimiro¹⁹⁰. No número de 31 de

¹⁸⁹ *A Revolta*, Coimbra, ano 1.º, n.º 1, 29/10/1922. p. 1.

¹⁹⁰ *A Revolta*, Coimbra, ano 1.º, n.º 6, 31/01/1923.

Janeiro de 1924, evocou-se o Batalhão Académico de Coimbra que combateu na “Monarquia do Norte” em 1919 e publicou-se o nome dos estudantes combatentes, onde estavam Raul Pinto Madeira, o primeiro director do jornal, e José Rodrigues da Costa, então redactor principal do jornal, com funções de director¹⁹¹. O número de 15 de Fevereiro de 1924 será dedicado a “Teófilo na Morte”¹⁹², visto ter falecido em 28 de Janeiro anterior.

Outro jornal académico de Coimbra publicado neste período foi *A Academia* (n.º 1, 25/01/1923 – n.º 14, 11/06/1923), “semanário” (desde o n.º 7, 25/03/1923) e “defensor dos interesses académicos” (desde o n.º 9, 29/04/1923), dirigido sucessivamente por Alberto de Sousa Drummond Borges, em conjunto com Rui Manuel Nogueira Ramos, que era chefe de redacção (desde o n.º 3, 8/02/1923), e por António Ramos Proença (a partir do n.º 9, 29/04/1923). A redacção e administração estava localizada nas instalações da Associação Académica de Coimbra. No primeiro número, através do texto “Primeiras palavras”, referia-se que a “falta de um jornal puramente académico, lugar defensor dos interesses, da união, das tradições da Academia de Coimbra, vem há muito fazendo-se sentir”¹⁹³. Noticiou actividades nas Faculdades e sobre o Orfeão Académico e a Tuna Académica ou a equipa de futebol da Académica, publicando também textos sobre a Universidade, escritos por Vitorino Nemésio¹⁹⁴, ou poesias, por exemplo, de Sílvio de Lima, “Jardim Verde”, dedicada a Eugénio de Castro, e de António de Sousa, “De Coimbra”.

Por fim, assinale-se *Humanidade*, “jornal de estudantes de Coimbra” (n.º 1, 15/03/1925) e “quinzenário de estudantes de Coimbra” (n.º 2, 1/04/1925), sem director, situado no campo político republicano. O redactor principal era Vitorino Nemésio, autor provável dos textos editoriais não assinados “À maneira de prólogo” (n.º 1) e “Brio académico” (n.º 2), sendo Carlos Soares de Oliveira o editor. Colaboraram José Régio e João Gaspar Simões (crítica literária), Mário de Castro (textos “Ordem! Ordem!”, no n.º 1, e “À margem da questão sebástica”, no n.º 2), António de Sousa e Sílvio de Lima (poemas). Vitorino Nemésio, António de Sousa

¹⁹¹ *A Revolta*, Coimbra, ano 2.º, n.º 13, 31/01/1924, p. 4.

¹⁹² *A Revolta*, Coimbra, ano 2.º, n.º 14, 15/02/1924.

¹⁹³ *A Academia*, Coimbra, ano I, n.º 1, 25/01/1923, p. 1.

¹⁹⁴ Vitorino Nemésio, “Universidade Nova”, *A Academia*, Coimbra, ano I, n.º 1, 25/01/1923, pp. 2-3; “Relações exteriores da Universidade Nova”, *ibidem*, n.º 2, 1/02/1923, p. 1; ou “Equívoco”, *ibidem*, n.º 3, 8/02/1923, p. 1.

e Sílvio de Lima tinham publicado já, conforme se escreveu, no jornal *A Academia*, de 1923. Noticiaram actividades da Universidade Livre de Coimbra, com sede provisória na Biblioteca Municipal: homenagem a Camilo no salão nobre da Câmara Municipal e na Biblioteca Municipal (conferência de Vitorino Nemésio e leitura de partes da sua obra por vários professores), curso de esperanto (lições de Eugénio Eliseu), curso de História de Portugal (lições de Almeida Costa), curso de trabalhos manuais educativos (lições de Viana de Lemos) ou curso de francês (lições de Viana de Lemos). Nos dois números mantiveram-se três secções formais: *Dos Livros* (n.º 1) denominou-se *Das Ideias e dos Livros* (n.º 2), com textos de José Régio; *Literatura*, com textos de João Gaspar Simões (n.º 1) e de Vitorino Nemésio (n.º 2); *Página Desportiva* com muitas notícias.

Logo no texto de abertura do primeiro número de *Humanidade* estava ditada a sentença final de mais um jornal académico: “[...] Nasce com boas esperanças e se morrer quase de certeza morrerá com elas. Há-de parecer-lhes de ruim agoiro este falar de morte em dia alegre de nascença, mas temos razões de sobra para explicar o caso. Não que a coragem nos falte em seguir caminho, ou que a vontade se quebre ao menor choque, à mais banal contrariedade; mas tão pouco risonha se nos apresenta a atmosfera académica, tão desfavorável à propaganda e estudo de qualquer coisa útil, que todos os pressentimentos, os mais desfavoráveis, são de aceitar [...]”¹⁹⁵.

A Academia de Lisboa revelou três gazetas académicas e estudantis significativas nos anos 20. Em primeiro lugar, *A Liberdade*, “jornal académico de preparação social” (n.º 1, 15/05/1920 – n.º 2, 24/05/1920), dirigido por Feliciano Fernandes (editor e redactor principal, aluno da Faculdade de Direito) e relacionado com a Academia de Estudos Sociais, com colaboração de estudantes de várias Escolas, entre os quais estavam Carlos Lobo de Aboim Inglês (Instituto Superior Técnico), Artur Portela (Ensino Livre) ou Dinis Pimentel (Faculdade de Direito). O jornal acolheu um artigo sobre o socialismo, escrito por Agostinho Fortes (professor da Faculdade de Letras). Feliciano Fernandes afirmou, logo no primeiro número, no artigo doutrinário “O que nós queremos”, que “*A Liberdade* é o primeiro jornal académico de carácter socialista que se publicara em Portugal”, e, denunciando a apatia estudantil, não se resignava: “Se isto é isto, se a mocidade do meu tempo é uma máscara de vida, havemos de calar o que sentimos ante a razão do que pensamos? Não”.

¹⁹⁵ Cf. “À maneira de prólogo”, *Humanidade*, Coimbra, ano I, n.º 1, 15/03/1925, p. 1.

Quanto aos periódicos ligados a Associações de Estudantes de Lisboa, encontrá-mos dois, excluindo o já referido boletim *Agros*, de Agronomia, iniciado em 1917: *Técnica*, “revista mensal dos alunos do Instituto Superior Técnico”, propriedade da respectiva Associação de Estudantes (n.º 1, Dezembro, 1925 – n.º 5, Maio, 1926, continuando edição), dirigida por José Centeno Castanho e José de Queiroz Vaz Guedes, divulgou as actividades associativas do Instituto e temas de cultura técnica e económica, com a colaboração de professores do Instituto (Vicente Ferreira, Ernest Fleury ou Amílcar Mário de Jesus), e de engenheiros; *Cultura*, “revista de Letras” (n.º 1, Fevereiro, 1926 – n.º 2, Maio, 1926), dirigida por José Manuel da Costa (diplomado pela Faculdade de Letras), com colaboração estudantil de Teotónio Machado Pires ou António Serras Pereira (Faculdade de Letras), e de Rodrigo de Sá Nogueira (diplomado pela Faculdade de Letras e director da Instrução da Federação Académica de Lisboa), obtendo a colaboração de Francisco da Silva Teles, José Leite de Vasconcelos, José Maria Rodrigues e Manuel de Sousa Brito (professores da Faculdade de Letras), sendo a vinheta da capa, inspirada em *O Pensador*, de Auguste Rodin, da autoria do arquitecto Cassiano Branco, então com 29 anos de idade.

Os periódicos *Porto Académico*, *Agros*, *Técnica* e *Cultura* divulgaram as reivindicações da contestação estudantil universitária que começaram em várias Faculdades e Institutos Superiores de Lisboa e conduziram a fases de greves e de regresso às aulas, a partir de 9 de Janeiro de 1926. Em Fevereiro seguinte, os estudantes de Letras e de Ciências obtiveram a solidariedade dos colegas das respectivas Faculdades de Coimbra e do Porto, mês em que declararíamos greve os alunos dos Institutos Superiores Técnico, de Comércio e de Agronomia de Lisboa e da Faculdade Técnica e do Instituto Superior de Comércio do Porto. A declaração das greves gerais nas três Academias far-se-á no Porto, em 21 de Maio de 1926, e em Lisboa e Coimbra em 24 de Maio de 1926, vindo a terminar em meados do mês seguinte, mas na Faculdade de Direito de Lisboa prolongar-se-ia até Outubro desse ano.

Conclusão

Na sondagem feita ao conjunto seleccionado de periódicos académicos e estudantis universitários de Coimbra, Lisboa e Porto, durante a I República Portuguesa e que representa uma amostra significativa, pode chegar-se a alguns indicadores conclusivos:

- (1) *Porto Académico*, órgão da Associação Académica do Porto (1922-1927), foi o periódico mais continuado de uma estrutura federativa académica;
- (2) *Agros*, órgão da Associação dos Estudantes do Instituto Superior de Agronomia de Lisboa (1917-1926), foi o periódico mais continuado de uma estrutura associativa escolar;
- (3) *Estudos Sociais* (1905-1911), *Imparcial* (1912-1919) e *Estudos* (1922-1934), do Centro Académico de Democracia Cristã de Coimbra, foram os periódicos mais continuados de uma estrutura de natureza ideológico-política (com uma componente espiritual neste caso), seguida de *A Revolta*, com duas fases (1908-1916; 1922-1924), ligado ao Centro Republicano Académico de Coimbra, que, na segunda fase, adoptou a linha estética inovadora do *Diário de Lisboa*;
- (4) *O Conflito* (1921/Maio-Junho) foi o único periódico encontrado que se criou para exprimir uma contestação específica, neste caso dos alunos do 5.º ano de Medicina de Coimbra contra Ângelo da Fonseca, professor da disciplina de Clínica Cirúrgica;
- (5) Habitualmente, em cada periódico, publicaram-se textos sobre as actividades associativas dos estudantes e sobre as Faculdades ou Institutos, textos cívicos, políticos e literários de estudantes e de professores ou textos literários de autores portugueses e estrangeiros;
- (6) No universo de gazetas sujeito a análise (13 periódicos), onde não estão os periódicos do CADC de Coimbra, já estudados, e retirando as excepções longas do jornal *Porto Académico* e do boletim *Agros*, mas incorporando na contabilidade os periódicos de Coimbra que estão em mau estado (dois) ou não existe (um) na Biblioteca Nacional de Portugal (3 periódicos), concluiu-se, quanto aos números que foram editados: 5 periódicos (com 2 números), 2 periódicos (com 14 números), 2 periódicos (com 3 números), 1 periódico (com 18 números), 1 periódico (com 11 números), 1 periódico (com 7 números), 1 periódico (com 6 números), 1 periódico (com 5 números), 1 periódico (com 4 números), 1 periódico (com 1 número) – 50 % dos periódicos tiveram entre 1 e 3 números;
- (7) Registe-se os nomes de algumas personalidades que obteriam relevo na vida portuguesa e que colaboraram enquanto estudantes nas gazetas analisadas: Francisco Cunha Leal, Cláudio Bastos, Artur Ribeiro Lopes, Nuno Simões, Domingos Garcia Pulido, Moses Bensabat Amzalak, Carlos Lobo de Aboim

Inglês, Artur Portela, Alberto Martins de Carvalho, João Lumbrales/João Pinto da Costa Leite (Lumbrales), Álvaro Júlio da Costa Pimpão, Vitorino Nemésio, José Régio, João Gaspar Simões, Mário de Castro, Sílvio de Lima, Álvaro Ribeiro, Adolfo Casais Ribeiro, Luís Guedes de Oliveira, Horácio Cunha, José Sant'Ana (Dionysio), José de Queirós Vaz Guedes, José Manuel da Costa, Teotónio Machado Pires ou António Serras Pereira. O jovem arquitecto Cassiano Branco desenhou a gravura da capa da revista *Cultura*, de Lisboa.

A terminar, pode afirmar-se que, genericamente, as gazetas académicas e estudantis universitárias estudadas, entreteceram a *função comunicativa* da sociabilidade e do protesto com a *função educativa* da formação cívica, cultural e política, acompanhando, quase sempre, através de uma vigilância crítica, as políticas públicas governamentais para o ensino superior e as decisões internas das Faculdades ou das Escolas e Institutos Superiores. Os títulos das gazetas referidas exprimem bem essas duas funções, umas vezes acentuando uma, outras vezes acentuando outra.

(Página deixada propositadamente em branco)



eBOOK

Série Documentos

Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra University Press

2011

